

NOTICIÁRIO

HOMENAGEM À IMPRENSA

Por ocasião do cinquentenário do "Correio da Manhã", o Diretor do Jardim Botânico homenageou a imprensa do país, promovendo o plantio de um Ipê, árvore tipicamente brasileira. A solenidade, que foi prestigiada pelos Srs. Ministros de Estado João Cleofas, Horacio Lafer e Negrão de Lima, compareceram numerosos jornalistas e literatos, além de funcionários do Jardim Botânico.

Explicando a cerimônia, pronunciou o Sr. Campos Porto, Diretor do Jardim Botânico, o discurso abaixo transcrito. Paulo Bittencourt, redator-chefe do "Correio da Manhã" agradeceu em breves e comovidas palavras, a homenagem que, por intermédio do "Correio", se prestava à toda a imprensa brasileira.

Discurso do Diretor do Jardim Botânico

"Nenhum símbolo superior ao da Árvore, poderia ser escolhido para a homenagem que hoje, o Jardim Botânico, presta à Imprensa Carioca, representada pelo "Correio da Manhã". Não só por ser a fornecedora da matéria-prima do papel, senão pela expressão que vem conservando através das mais belas tradições de todos os povos da terra: a da Vida e da Sabedoria.

Já no Velho Testamento se diz ter havido no jardim terreal, plantadas pelas próprias mãos Divinas, duas estranhas árvores: a do Conhecimento do Bem e do Mal e a da Vida. E graças à amável artimanha da venerável mãe da humanidade, Adão provou dos frutos do conhecimento, o que lhe permitiu eriar a prodigiosa civilização de que nos orgulhamos. Infelizmente não lhe consentiram saborear os pomos da Árvore da Vida, o que nos teria evitado a irreparável desgraça de morrer.

Esta é uma das inúmeras relações que o homem, no decorrer das idades, estabeleceu com a sua grande amiga, a Árvore. Com

efeito deve-lhe muito: deu-lhe sempre alimento, sadio e saboroso; auxiliou-o nas lutas primitivas, quando sua única arma, era o galho forte em que se arrimava; mais tarde, é ainda esta grande protetora, que lhe oferece a maior das suas conquistas, o Fogo. A princípio, talvez, fruto de um incêndio casual, quando o raio flamante, rasgando o seio ubérrimo das nuvens, queima as árvores seculares... como cantam os hinos dos Vedas. Mais tarde aprende a domar êste elemento irrequieto e poderoso. Com o nárTEX e o vidceiro, fizeram os árias antigos, o primeiro pramanta, que pelo atrito produzia o lume que acalenta, ilumina e afugenta as feras bravias, das grutas que habitavam. E, era a árvore, o único ser, capaz de produzi-lo. Era portanto Divina. Um deus habitava as suas entranhas. O grande foco de luz e calor, o Sol, também vivia nela... Daí passou a ter primazia, na vida do Homem. Ao construir o seu primeiro lar é à Árvore que recorre. Ela forneceu-lhe tudo. Começa a observá-la. Estuda-lhe a vida, os ciclos, os amigos, os inimigos. E a Árvore tornou-se a sua instrutora. Ensinou-o, durante a sua longa história.

Por isso anda sempre ligada a tudo quando lhe importa: alegrias e tristezas. Assinalavam nela, os momento que desejavam perpetuar.

Uma árvore é o eixo do mundo, o freixo, o Ask Iggdrázil, clamavam os bardos nórdicos, os skaldas. Era o símbolo da estabilidade, da ordem, da lei. Já então maiores eram as suas prerrogativas. Representava também as sólidas instituições, que o homem à sua imitação ia criando: a família, os clãs, as tribos. Plantavam-se árvores, quando nasciam os filhos, os netos. Podiam recordar e reconstituir as linhagens, pelos vegetais que existiam. É a origem das Árvores genealógicas.

Não é de admirar, que lhe servisse também para os mortos, como sucede com certos tártaros, que os penduram como frutos nas árvores ancestrais.

Nas fôlhas de palmeiras, as olas, estamparam os primeiros símbolos escritos: foi o primeiro livro.

Houve um povo celta, os tuata, que após peregrinarem por tôda a Europa, se fixaram na Irlanda e que tiraram o seu alfabeto de árvores. Eram simples riscos traçados horizontalmente ou oblíquos, longos ou curtos, que receberam nomes das plantas que os originaram: a macieira, o espinheiro, a azinheira, etc.

Usavam para substituir os símbolos gráficos, raminhos dos vegetais, que representavam. Era uma linguagem arbórea.



P. Campos Porto, Diretor do Jardim Botânico, logo após o plantio do Ipê, discursa na presença dos Ministros da Agricultura, Justiça e Fazenda, do jornalista Paulo Bittencourt e convidados.



Paulo Eitteneourt, redator-chefe do "Correio da Manhã", planta o belo exemplar de *Tecoma longiflora* Griseb.

Portanto compreende-se que muitas tribos se julguem descendentes de árvores, que são totens e tabus, para elas.

Não eram crenças somente de povos selvagens. Pois os gregos e romanos tinham as suas mais profundas tradições ligadas a estes símbolos.

A Figueira Ruminal dos latinos é uma prova. Até o grande poeta Horácio trata deste culto, nos seus famosos versos:

“Ó sanctas gentes, quibus haec nascuntur in hortis Numina”

Ó santas criaturas, a quem nascem os deuses nas hortas!

Mas a própria Grécia, ainda conservava nos sicofantas, juizes, uma denominação que os relaciona às figueiras, que era a expressão da lei, que não pode ser desrespeitada.

Tal a sua importância na vida do homem, que ainda lhe fornece os meios de alcançar o mundo dos deuses, depois da morte. Serviam-no durante a vida e salvavam-no depois da morte. Surgem então as plantas místicas: o Soma na Índia, a haoma na Pérsia, o sésamo na China, etc. Delas extraíam o licor da vida o amrita, o néctar, a ambrósia, que dá imortalidade. No Rig Veda, encontramos cânticos belíssimos, que exaltam a virtude desse licor, que purifica e exalta os sentimentos que dão direito às delícias celestes.

Por essa razão a Árvore tornou-se também a representação da ciência absoluta. Sákia-Múni, o Buda, alcança a iluminação, quando meditava sob a Árvore de Bodh.

Ora, se a Árvore tem um sentido tão profundo na história das civilizações, não podia ser escolhido por nós outro símbolo para perpetuarmos, numa homenagem extensiva a toda a Imprensa, o cinquentenário do histórico jornal que é o “Correio da Manhã”.

Senhores membros da Imprensa:

Ainda que não seja jornalista, sinto-me à vontade entre vós, pois meu pranteado pai militou nas vossas hostes. Foi um dos que se puseram a serviço do povo, lutando duramente pela República. E, de certo modo, a homenagem de hoje, o atinge também.

Agradeço ao senhor ministro e demais autoridades o prestígio que deram à homenagem que prestamos à Imprensa, com a sua presença neste local e o apóio que manifestaram”.

FESTA DA ÁRVORE

No dia 21 de Setembro último a Diretoria do Jardim Botânico procedeu ao plantio de 234 palmeiras reais — *Roystonea oleracea* (Mart.) Cook, nos intervalos entre os velhos exemplares que hoje constituem as suas aléas tradicionais, visando a manutenção do aspecto característico do Jardim.

A brilhante solenidade teve início às 11 horas com a chegada do Presidente Getúlio Vargas que se dirigiu ao ponto central da aléa principal e aí plantou a primeira palmeira dessa nova geração, sob os aplausos dos presentes e ao som do hino nacional, repetindo, assim, o ato de plantio da “palma mater” que D. João VI realizára 143 anos antes. Evocando este ato, pronunciou o poeta Augusto Frederico Schmidt, o discurso oficial da cerimônia, encarecendo a importância do plantio, cuja verdadeira significação compara à de um ato religioso pela perpetuação da própria nacionalidade, desejo que pulsa no coração de todos os brasileiros.

Logo a seguir, os Srs. Membros dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, os Srs. Governadores, Srs. Membros do Corpo Diplomático e de Instituições Culturais, especialmente convidados para esse fim, plantaram as restantes palmeiras reais.

O Presidente da República, em companhia das autoridades presentes, encaminhou-se depois para o lugar onde foi plantada a “palma-mater” por D. João VI, e aí se deteve por alguns minutos, a admirar a velha, mas ativa árvore que ainda hoje, erecta, parece imune à devastadora ação do tempo.

Após assistir à inauguração do Bureau da F.A.O. instalado numa dependência do Jardim Botânico, dirigiram-se o Sr. Presidente e Exma. esposa, assim como, diversas outras personalidades ilustres, ao salão principal da Biblioteca do Jardim Botânico onde lhes foi oferecido um almoço pelo Ministro João Cleophas.



Chegada do Presidente da República ao Jardim Botânico, em cuja entrada principal é recebido 2o scm do Hino Nacional.

Discurso do poeta Augusto Frederico Schmidt

Há nesta cerimônia, neste ato de plantar sementes de palmeira, qualquer coisa de religioso: o Senhor Presidente da República, o Príncipe da Igreja, os Senhores Vice-Presidente, Ministros de Estado, membros do Congresso Nacional e do Poder Judiciário, os Representantes de Nações estrangeiras amigas, enfim, todas essas autoridades e dignitários aqui reunidos, vão intervir para que se prolongue, para que se estenda no tempo a nobre família vegetal que respira e vive neste mesmo sítio desde 1808, data em que D. João VI plantou com suas próprias mãos, a primeira *Roystonea oleracea*, vinda da ilha de França, e que passou a chamar-se a Palmeira Real, em homenagem ao soberano que a plantou.

É um ato religioso este, disse eu, porque se lhe examinarmos o sentido, ressaltará claramente que se está salvando da desapareição uma raça vegetal, decidindo em favor da vida, duma vida que nos ouve, que palpita, que existe ao nosso lado. Plantando palmeiras, religiosamente se proíbe que a morte venha interromper a dinastia desses sércs que integram uma só família solidária, todos nascidos da mesma fonte, a planta-mãe: a palma mater, figura venerável que ainda podemos saudar, graças a Deus, pois aqui está vetusta mas viva sempre.

O pensamento que nos reúne e congrega, a inspiração desta cerimônia, é o da perpetuidade através de gerações que se vão sucedendo. Sabemos — ai de nós — que as palmeiras, como as civilizações, são percíveis, e que (e nisto repousa nossa trágica superioridade sobre o resto da Criação, nisto se funda a nossa solidão de homens!) tudo é efêmero, tudo flui do temporal para o intemporal.

As palmeiras, que ora nos enternecem e preocupam, nem suspeitam da lei que lhes restringe a duração; não sabem que seus dias estão contados e que, dia e noite atravessando o misterioso tecido de um tempo indeterminado, atingirão à velhice e terão de perecer.

Mas a nós, humanos, aos nossos olhos desgraçadamente lúcidos, não escapa a realidade circunstante, e eis porque fazemos um protesto contra a fuga do tempo e o perecimento de tudo — suscitando, propiciando a vinda de novas gerações.

Quando, talvez em vinte anos, estas palmeiras que ainda contemplamos ativas e tranqüilas com seus topetes ao vento, ti-

verem desaparecido — já as sementes que hoje confiamos ao mistério da germinação se terão mudado em novos seres, e a fisionomia do Jardim Botânico não será desfigurada nem mutilada em seu aspecto mais majestoso e mais belo. E os olhos humanos daquêles que nos sucederem, amanhã, sem todavia saberem desta nossa reunião de hoje e do generoso ato que praticamos, colherão no espetáculo das palmeiras esplêndidas o nosso prêmio e recompensa.

O ato de plantar é o próprio ato da vida. Na hora em que o homem compreendeu o segrêdo da semente, tornou-se maior, que a natureza, pois venceu-a e disciplinou-a.

Assim como plantamos árvores — e não só devemos semeá-las, mas também defendê-las, veementemente alertados em protestos contra as derrubadas e queimadas que incessantemente destróem nosso patrimônio florestal — assim como plantamos árvores, para que as descendências vegetais mantenham sua tradição, assim devemos proceder em relação à Pátria: se julgamos belo e bom que esta família da Palmeira Real seja defendida contra a morte e habite sempre o mesmo solo, com muito mais razão devemos lembrar-nos da Pátria que urge renovar, resguardar e velar para que continue a mesma, íntegra e com seus valores intactos.

O ato de plantar uma palmeira obedece a uma lei, experiência e determinação especiais: reserva-se o espaço próprio para o crescimento da nova planta, e também chão livre para que suas raízes se aprofundem e caminhem no escudo criador.

Para as palmeiras humanas (se me permitem a imagem demasiado fácil), para as gerações de amanhã, para a Nação que hoje temos de plantar e cuidar a fim de que o Brasil continue na enigmática posteridade — é indispensável que reservemos um espaço igualmente propício e limpo. A ação principal e generosa, o maior galardão dos homens de hoje, é criar com amor o solo e ambiente favorável às gerações que viajarão nos dias futuros; viver com o olhar atento no que há de vir, com o propósito de facilitar condições e meios para os que virão renovar e ampliar a experiência humana sôbre a terra materna, é o dever e a dignidade mesma dos que, hoje participantes do efêmero, são conscientes de que há uma eternidade a conquistar. As pátrias devem ser plantadas — não de século em século, como as palmeiras, mas sim todos os dias, todos os dias renovadas e defendidas, mórmente nesta hora mundial em que os vendavais destruidores ten-





Plantio pelo Presidente Vargas da primeira palmeira da nova geração

tam arrancar as próprias raízes dos povos, rompendo seus compromissos mais nobres e mais profundos.

Sabemos agora o que vai suceder às palmeiras. Sabemos que na hora em que as velhas plantas chegarem ao fim, já as novas estarão firmes e de pé, prontas para substituí-las, sustentando a união e a harmonia deste conjunto.

Porém, quão mais felizes estaríamos todos nós, desde o chefe da Nação ao mais humilde dos presentes, se nos fôsse possível adivinhar e distinguir, com relação à Pátria e aos destinos do mundo, o que esperançosamente adivinhamos e distinguimos sobre o futuro desta soberba e tranqüilla família de palmeiras!

O 10º ANIVERSÁRIO DO CÍRCULO PAULISTA DE ORQUIDÓFILOS

Comemorando o 10.º aniversário de sua fundação, o Círculo Paulista de Orquidófilos realizou uma série de solenidades, de 6 a 9 de Setembro de 1951.

No dia 6, às 21 horas, o Presidente do Círculo, Dr. Neri de Siqueira e Silva, proferiu breve discurso por ocasião da abertura da convenção orquidófila, tendo sido feita, na mesma cerimônia, a entrega das credenciais dos representantes oficiais das sociedades congêneres. Foi inaugurada, também, nessa mesma noite, a exposição comemorativa.

No dia 7, pela manhã, foram visitados os orquideários dos Srs. José Dias Castro, João Dierberger e Lloyd Weisenberger e às 16 horas dêsse mesmo dia, realizou-se a primeira sessão de estudos, sendo discutido o tema: "Tentativa para Padronização de Julgamento Brasileiro de Orquideas". As 21 horas o Sr. Luys de Mendonça, sócio benemérito e fundador do Círculo Paulista de Orquidófilos, realizou uma palestra sobre dois pioneiros da orquidocultura no Brasil, os Srs. Jean Baptiste Binot e Paulino Recch.

A manhã do dia 8 foi reservada para visitas a diversos orquideários particulares e às 16 horas teve lugar a segunda sessão de estudos, havendo sido abordado o tema: "Adubação de Orquideas", sobre o qual discorreu o Sr. Souza Grotta. As 21 horas o Sr. F. C. Hoehne, Diretor do Instituto de Botânica de São Paulo, fez uma conferência sobre "Orquidófilos e orquidólogos", indicando os rumos nos quais os orquidófilos deveriam desenvolver

suas atividades de estudo e observação para tornarem-se orquidólogos e colaborarem com a ciência. O Sr. Silva Pinto, conhecido orquidófilo da capital bandeirante, logo após a conferência do Sr. F. C. Hoehne, leu algumas palavras de simpatia para com o Presidente do Círculo e o Sr. Luys de Mendonça, assim como para as suas Exmas. esposas.

Na manhã do dia 9 foi visitada a cultura do Sr. Angelo Rinaldi e às 13 horas realizou-se um almoço de confraternização, tendo o Dr. Neri saudado todos os convencionais presentes. Falaram nessa ocasião os representantes de Campinas e de Belo Horizonte. As 21 horas o Sr. P. Campos Porto, Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pronunciou a sua conferência sobre "Barbosa Rodrigues e a Iconografia das Orquídeas" na qual revelou cartas inéditas que projetam uma luz clara sobre a história verdadeira dessa obra monumental. A seguir, o Presidente do Círculo fez a entrega das medalhas comemorativas, distribuiu os prêmios da exposição e agradeceu o comparecimento e a colaboração de todos que participaram da convenção.

CENTENÁRIOS COMEMORATIVOS

Comemora-se, neste ano, o centenário da chegada ao Brasil, do botânico suéco, Nils John Andersson. Esse naturalista excursionou pelo Estado do Rio de Janeiro, onde colheu plantas para o Museu de História Natural de Stockholm.

Celebra-se, também, o centenário de nascimento dos botânicos Carolus Schuman (17.6.1851) e James William Helenus Trail (4.3.1851). Aquêles, nascido na cidade de Görlitz (Alemanha), deixou grande número de trabalhos, entre os quais várias monografias de Famílias vegetais, publicadas por Engler, em *Pflanzenreich* e *Natürl. Pflanzenfamilien*. Foi um dos botânicos colaboradores da *Flora Brasiliensis de Martius*, tendo elaborado, durante os anos de 1886-1897, os fascículos referentes às *Sterculiaceae*, *Tiliaceae*, *Bombacaceae*, *Rubiaceae*, *Cactaceae*, *Malvaceae*, *Triuridaceae*, *Liliaceae*, *Potamogetonaceae*, *Zannichelliaceae*, *Najadaceae*, *Ceratophyllaceae*, *Batidaceae*, *Goodenoughiaceae*, *Cornaceae* e, em colaboração com E. Bureau, *Bignoniaceae*.

James William Helenus Trail, nascido na Escócia, viajou, durante os anos de 1873-1875, pela Região Septentrional do Brasil, tendo coligido espécimes vegetais e animais para o Herbário de

Kew, Museu Britânico e Universidade de Aberdeen. Entre suas obras, citaremos: "Descriptions of new species and varieties of palms collected in the valley of Amazon in North Brazil 1876-1877" e "Some remarks of the synonymy of palms of the Amazon valley 1877".

Temos, ainda, a registrar o centenário da morte de Philipp Salzmänn, ocorrida a 11 de maio de 1851, em Montpellier. Esse naturalista percorreu o Estado da Bahia, nos anos de 1827-1830, e colheu muitas plantas que estão conservadas no Instituto Botânico de Montpellier.

